

Efeitos implícitos da pertença e identificação grupais na discriminação social (*)

MIGUEL CAMEIRA (**)

RUI G. SERÔDIO (**)

ISABEL R. PINTO (**)

JOSÉ M. MARQUES (**)

Desde os anos 80, a pesquisa sobre reacções atitudinais não-controladas tem vindo a mostrar que é frequente os indivíduos não estarem conscientes das suas respostas negativas relativamente a membros exgrupais, respostas essas que conscientemente desaprovam. Estudos já clássicos como os de Dutton e Lake (1973) ou de Devine (1989) indicam que esta tendência está basicamente relacionada com valores igualitários altamente salientes mas que actuam apenas

quando a atitude negativa aprendida precocemente durante a socialização pode ser controlada. Do ponto de vista metodológico, há poucas dúvidas de que as medidas atitudinais não-obstrusivas constituem um instrumento bastante útil para aceder aos motivos profundos que vão contra valores que os indivíduos desejam respeitar de forma a exhibir comportamentos socialmente desejáveis para os outros e para si próprios (Greenwald & Banaji, 1995). Por exemplo, Dovidio, Kawakami, Johnson, Johnson, e Howard (1997) verificaram que, numa tarefa de classificação de adjectivos positivos e negativos, participantes de raça branca que tinham sido expostos subliminarmente ao estímulo primo de uma face branca classificavam mais rapidamente os adjectivos positivos, do que um grupo equivalente de participantes que haviam sido expostos ao estímulo primo de uma face negra. Estes últimos, pelo contrário, mostraram um tempo de latência significativamente inferior aos primeiros na classificação de adjectivos negativos. Um resultado importante deste estudo é que as pontuações na medida não-obstrusiva não se encontravam correlacionadas com as pontuações de uma outra medida de tipo auto-relato (no caso, a *Modern Racism Scale*). Não menos importante é o facto

(*) Esta investigação foi financiada pelo projecto PRAXIS XXI/P/PSI/13192/98 da Fundação para Ciência e Tecnologia. Os resultados apresentados no presente artigo foram parcialmente divulgados no 13th General Meeting da European Association of Experimental Social Psychology (San Sebastian, Julho de 2002). Os autores agradecem os comentários e sugestões de Teresa e Leonel Garcia-Marques e um revisor anónimo no melhoramento do manuscrito.

A correspondência relativa a este artigo deve ser remetida a Miguel Cameira, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Rua Campo Alegre, 1055, P-4169-004 Porto, Portugal. E-mail: cameira@psi.up.pt

(**) Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

de que os participantes não se mostraram conscientes dos estímulos primos (apenas 3% o declararam).

Discriminação implícita. A maioria dos estudos sobre atitudes intergrupais implícitas opera com grupos sociais muito diferenciados, quer dizer, grupos cujos atributos definidores são fortemente salientes, como o caso dos Brancos e Negros, grupos de géneros, ou grupos etários, por exemplo. Estas categorias sociais são fortemente salientes, constituindo assim, focos automáticos da atenção (Fiske & Neuberg, 1990). De facto, a pertença grupal na maioria dos grupos sociais está associada com os sinais externos dos seus membros como atributos físicos ou atributos que os membros intencionalmente exibem de forma a afirmar a sua pertença e a diferenciar-se de outros grupos.

Sabemos, portanto, que o contacto com grupos rotineiramente identificados por sinais de pertença altamente salientes, são activadas as crenças associadas com esses grupos. No entanto, existe evidência que aponta no sentido de que a discriminação não parece limitar-se a grupos perceptualmente muito salientes. Por exemplo, Leyens et al. (2000) verificaram que o mero prefixo do endereço de um e-mail indiciando que o emissor era da nacionalidade dos participantes ou de outra nacionalidade, determinava o padrão da resposta. Especificamente, a resposta aos emissores estrangeiros utilizava mais vocábulos traduzindo emoções infra-humanas do que vocábulos traduzindo emoções exclusivas do ser humano e o padrão inverso verificava-se quando o emissor era da mesma nacionalidade. No mesmo sentido, Otten e Wentura (1999), observaram que, depois de serem categorizados através de um procedimento típico de grupos mínimos, o desempenho dos participantes numa tarefa de classificação de adjectivos positivos e negativos era afectada pela exposição subliminar prévia a etiquetas endgrupais e exgrupais. Os participantes cometiam mais erros ao classificar adjectivos positivos quando expostos previamente à etiqueta endogrupal, e ao classificar adjectivos negativos quando expostos previamente à etiqueta exogrupal. Ambos os estudos parecem indicar que o endogrupo e seus membros são automaticamente associados a sentimentos positivos e agradáveis e que o exogrupo e membros exgrupais são associados a sentimentos negativos e

desagradáveis, mesmo quando a situação intergrupar é definida por critérios não controlados cognitivamente.

Associação implícita de atributos. Noutra área de investigação encontrou-se evidência empírica de que a associação momentânea entre atributos físicos e/ou psicológicos pode influenciar julgamentos subsequentes, sem que os participantes se apercebam dessa associação. Por exemplo, Hill, Lewicki, Czyzewska, e Boss (1989, Estudo 3) verificaram que os participantes cotavam os homens como sendo mais tristes do que as mulheres ou o inverso, depois de observarem um vídeo com actores masculinos ou femininos desempenhando acções de rotina enquanto exprimiam pensamentos tristes ou neutros. No mesmo sentido, Lewicki (1985, Estudo 3) verificou que participantes que tinham sido previamente recebidos por uma recepcionista desagradável, escolhiam, subsequentemente, de entre duas entrevistadoras, a que mais diferia fisicamente da recepcionista, enquanto os participantes que tinham sido recebidos por uma recepcionista neutra escolhiam indiscriminadamente ambas as entrevistadoras. Todos os participantes atribuíram as suas escolhas ao acaso e nenhum a atribuiu ao encontro precedente. Conjuntamente, estes resultados mostram que as escolhas interpessoais e julgamentos podem ser influenciados por associações implícitas sem que disso os indivíduos tenham consciência.

1. HIPÓTESES E VISÃO GERAL DO ESTUDO

Baseados na evidência apresentada, examinamos, no presente estudo, a hipótese de que a pertença grupal pode determinar as preferências dos participantes relativamente a equipas de trabalho, mesmo quando estas preferências se baseiam numa categorização social da qual não estão conscientes. O procedimento inspira-se parcialmente no do estudo de Lewicki (1985, Estudo 3), mas enquanto neste último foi manipulado o contacto interpessoal desagradável vs. neutro da pessoa prima, no presente estudo é manipulada a pertença endogrupal vs. exogrupal da pessoa prima. De facto, estudos anteriores (por ex., Hogg & Turner, 1985) indicam que a pertença grupal predispõe ao que os autores denominam ‘atração social’ pelos membros do mes-

mo grupo. Trata-se de um fenómeno diferente da atracção interpessoal, mas tal como esta, a atracção social envolve sentimentos positivos dirigidos a outras pessoas (para uma revisão, cf. Hogg, 1993). Inversamente, dado que os estereótipos acerca do exogrupo são frequentemente negativos geram, consequentemente, expectativas negativas acerca de futuras interacções intergrupais (Campbell, 1967). Esperamos pois que a associação com os traços fisionómicos ocorra da mesma forma, quando os sentimentos (positivos ou negativos) são desencadeados pela pertença grupal comum como a são por motivos interpessoais. Especificamente, depois de acolhidos por um membro do endogrupo, os participantes preferirão trabalhar com uma equipa-alvo cujos membros possuam uma face semelhante à do membro endogrupal relativamente a uma equipa-alvo cujos membros possuam uma face diferente à do membro endogrupal. Inversamente, esperamos que os participantes prefiram trabalhar com uma equipa-alvo cujos membros possuam faces diferentes da do membro do exogrupo a que foram expostos de início. Baseamo-nos ainda na assunção da Teoria da Identidade Social (por ex., Tajfel, 1978) de que quanto mais os indivíduos se identificam com o endogrupo mais atraídos se sentirão para os membros endogrupoais para predizer que a identificação com o endogrupo reforçará a influência implícita da pertença grupal.

2. MÉTODO

2.1. *Pré-teste*

Para assegurar a aparência facial semelhante ou diferente entre a experimentadora e as equipas-alvo começámos por pré-testar o material a ser usado.

Fizemos fotografias digitais da experimentadora designada (Experimentadora A) e de 16 estudantes do sexo feminino, com idades idênticas à da experimentadora, e que autorizaram o uso das suas fotos. De forma a tentar eliminar diferenças em atractividade instruímos as estudantes para mostrarem uma expressão neutra. Em seguida, construímos um questionário incluindo as fotos da experimentadora e das 16 estudantes, cada

foto tendo por baixo um escala de 7 pontos (1=Nada semelhante, e 7=Muito semelhante). As instruções eram as seguintes: «O objectivo é comparar as fotos da pessoa-estímulo com cada uma das 16 pessoas-alvo. Por favor, marque por baixo de cada uma das 16 fotos em que medida considera a expressão facial dessa pessoa semelhante à da pessoa estímulo.» Os questionários foram preenchidos por vinte e nove participantes do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 19 e os 26 anos estranhas à universidade e recrutadas aleatoriamente.

Da análise factorial das 16 variáveis emergiram 5 factores. Reservámos as três fotos que saturando no mesmo factor (factor II, variância explicada = 12.6%) possuíam a média mais elevada de semelhança com a pessoa estímulo, \bar{M} geral = 2.66. Retivemos ainda um outro conjunto de fotos que saturando no mesmo factor (factor I, variância explicada = 37.09%) possuíam a média mais baixa de semelhança com a pessoa estímulo, \bar{M} geral = 1.44. As duas médias eram significativamente diferentes, $t_{28} = 6.98$, $p < .001$ ¹.

Baseados nos resultados do pré-teste recrutámos uma outra experimentadora (Experimentadora B) das 16 estudantes que se ofereceram para ser fotografadas. Os resultados do pré-teste indicavam que a sua foto era considerada semelhante às daquelas que formavam a Equipa Diferente da Experimentadora A, $\bar{M} = 1.38$, $t_{28} < 1$, e diferente daquelas que formavam a Equipa Semelhante à Experimentadora A, $t_{28} = 5.90$, $p < .001$. Este procedimento foi necessário para balancear o plano factorial Equipa Semelhante vs. Diferente e Experimentadora Endogrupal vs. Exogrupal.

¹ Com este procedimento tentámos formar dois conjuntos relativamente homogéneos e opostos no que diz respeito à semelhança com a pessoa estímulo. Contudo, como é possível verificar pela média (2.66 numa escala de 1 a 7), mesmo o conjunto mais semelhante é bastante diferente da experimentadora. Esta característica do material tornará mais difícil para os participantes consciencializarem-se da relação entre os dois conjuntos de fotos e a experimentadora.

2.2. Participantes

Vinte e nove alunas da licenciatura de Serviço Social e 27 alunas da licenciatura em Psicologia, com idades entre os 19 e os 22 anos de idade, ofereceram-se para participar neste estudo.

2.3. Plano

Trata-se de um plano factorial 2 (Grupo da Experimentadora: Endogrupo vs. Exogrupo) x 2 (Equipa: Semelhante vs. Diferente da Experimentadora), no qual Equipa é um factor intra-participantes.

2.4. Procedimento

O estudo foi apresentado como «um inquérito acerca de vários aspectos relacionados com a intervenção comunitária» e foi conduzido em grupos de 5-7 participantes. A experimentadora apresentou-se inicialmente como trabalhadora social ou como psicóloga trabalhando para um fictício Centro de Intervenção Comunitária. Apresentou uma credencial aos participantes de forma a garantir que estes estavam bem cientes de que era trabalhadora social ou psicóloga (justificou este procedimento como sendo um requisito ético do Centro para o qual trabalhava). Explicou então brevemente que o inquérito seria conduzido em duas fases e que os participantes deveriam fazer algumas escolhas relativamente à segunda fase. Finalmente, pediu aos participantes para preencherem um questionário.

Medidas de identificação e escolha. A primeira página do questionário incluía cinco medidas de identificação social: (1) «Em que medida te sentes uma estudante de Serviço Social vs. Psicologia?», (2) «Em que medida gostas de ser aluna de Serviço Social vs. Psicologia?», (3) «Em que medida sentes laços de afinidade com os teus colegas?», (4) «Em que medida considerarias usar uma camisola da tua escola?», e (5) «Em que medida considerarias deixar o teu curso se tivesses oportunidade de trocar?». Na página seguinte as participantes podiam ler que a segunda fase do inquérito seria conduzida por duas equipas de três investigadoras. Os dois conjuntos de 3 fotos cada um, seleccionados no pré-teste, estavam dispostos em duas linhas respectivamente com as etiquetas «Equipa A» e «Equipa

B». A Equipa A incluía as fotos consideradas semelhantes à Experimentadora A e diferentes da Experimentadora B e a Equipa B incluía as fotos com o padrão oposto. Abaixo das duas linhas de fotos aparecia uma questão aberta: «Na fase seguinte gostaria de trabalhar com a Equipa». Os participantes deviam então marcar «A» ou «B».

Motivos de selecção de preferências. Os itens da terceira página visavam verificar a percepção dos participantes sobre os motivos da sua preferência entre as duas equipas. Era pedido aos participantes que marcassem um ou mais motivos na seguinte lista: «Os membros da equipa que escolhi pareceram-me mais simpáticos», «Um, dois ou todos os membros da equipa recordaram-me alguém que conheço e de quem gosto», «Um, dois ou todos os membros da equipa que não escolhi recordaram-me alguém que conheço e de quem não gosto», «Nestes casos escolho sempre a primeira/última opção», «A minha escolha foi completamente ao acaso», e «Um, dois ou todos os membros da equipa eram parecidas com a pessoa que está a conduzir esta experiência». Uma questão final convidava as participantes a escrever um motivo não incluído na lista anterior. Na página final do questionário, duas questões abertas inquiriam sobre as suspeitas das participantes relativamente ao real objectivo da experiência. No final de cada sessão as participantes foram integralmente esclarecidas sobre a experiência.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Identificação. A análise factorial das 5 medidas de identificação extraiu 2 factores. O primeiro factor (43.46% da variância) revelou saturações fortes ($>.85$) dos itens «sentir-se como um membro do grupo» e «gostar de ser um membro do grupo», após rotação varimax. O segundo factor (21.35% da variância) revelou uma saturação forte ($= .80$) apenas no item «trocaria de curso». Através da média dos itens que mais saturaram no primeiro factor (*Cronbach alpha* = .82) obtivemos uma pontuação de identificação com o endogrupo. A média global da nova variável revela uma elevada identificação dos participantes com o endogrupo, $\bar{M} = 6.20$, $SD = .82$. Em contrapartida, os participantes exprimiram

QUADRO 1
*Frequências das escolhas pelas Equipa Semelhante e Equipa Diferente em função da
 Experimentadora e Pertença Grupal da Experimentadora*

Experimentadora		Equipa Semelhante	Equipa Diferente	Total
A	Endogrupo	8	12	20
	Exogrupo	2	18	20
	Total	10	30	40
B	Endogrupo	8	5	13
	Exogrupo	6	7	13
	Total	14	12	26

uma fraca vontade em mudar de curso, item que saturou mais fortemente no segundo factor, $\underline{M} = 2.30$, $\underline{SD} = 1.74$.

Preferência pela Equipa Semelhante ou Diferente. Para testar o valor predictivo das variáveis Experimentadora (A e B), Grupo da Experimentadora (Endogrupo ou Exogrupo) e Curso das participantes (Psicologia ou Serviço Social) na escolha da Equipa (Semelhante ou Diferente) efectuámos uma regressão logística (*SPSS Logistic Binary*) das 3 primeiras (incluindo as 4 interacções) sobre a última variável, pelo método *forward* (definimos deliberadamente a probabilidade de entrada para .15 de forma a não excluir predictores marginais) e usando na remoção o critério do quociente de verosimilhança (probabilidade de remoção = .10). Com o modelo obtido em dois passos, \underline{R}^2 Nagelkerke = .20, $\chi^2=10.33$, gl = 2, $p = .006$, são correctamente preditos 33.3% dos casos que preferiram a equipa semelhante, e 88.1% dos casos que escolheram a equipa diferente (68.2% correctamente preditos no total). Foram retidas as variáveis Experimentadora, $\underline{\beta}=1.36$, $p = .017$, e Grupo da Experimentadora, $\underline{\beta} = 1.19$, $p = .036$. A probabilidade de ser escolhida a Equipa Diferente diminui em 74% da Experimentadora A para a Experimentadora B e aumenta para mais do dobro (230%) da Experimentadora do Endogrupo para a Experimentadora do Exogrupo. O primeiro resultado, deveu-se obviamente à maior atrac-

ção, em termos absolutos, da Equipa B, semelhante à Experimentadora B (ou da própria Experimentadora B; cf. Quadro 1). Não obstante a tentativa de reduzir diferenças na atractividade dos estímulos, e deve reconhecer-se como uma limitação deste tipo de estudos, não foi possível constituir dois conjuntos de fotos obedecendo aos requisitos de homogeneidade interna, padrão inverso de semelhanças relativamente às experimentadoras, e simultaneamente equivalentes em atractividade geral. O segundo resultado é mais interessante para as nossas hipóteses, uma vez que se verifica uma maior escolha da equipa diferente da experimentadora quando esta pertence ao exogrupo. Este resultado indica assim, que a sua pertença grupal afecta significativamente a escolha das participantes (ver Quadro 2). A não inclusão da variável Curso das participantes e de qualquer uma das interacções revela a linearidade dos efeitos principais obtidos. Contudo, o facto de as participantes terem escolhido maioritariamente a equipa diferente da experimentadora (principalmente no caso da Experimentadora A), não absorveu o impacto negativo da pertença exogrupal das experimentadoras. Por outro lado, a inexistência de preferência pela equipa semelhante no caso da experimentadora endogrupal, poderá ter sido devida, eventualmente ao estabelecimento de um contexto intra-grupal. Sendo esse o caso, a não saliência categorial, poderá ter promovido uma percepção baseada em

QUADRO 2

Frequências das escolhas pelas Equipa Semelhante e Equipa Diferente em função da Pertença Grupal da Experimentadora (As médias da Identificação por célula encontram-se entre parêntesis)

	Equipa Semelhante	Equipa Diferente	Total
Experimentadora do Endogrupo	16 (6.34)	17 (6.32)	33 (6.33)
Experimentadora do Exogrupo	8 (5.44)	25 (6.28)	33 (6.08)
Total	24 (6.04)	42 (6.30)	66 (6.20)

QUADRO 3

Percentagem dos motivos percebidos das escolhas entre Equipas Semelhante e Diferente (N=66)

	%
Simpatia dos alvos	53.0
Semelhança dos alvos escolhidos com outros agradáveis	10.6
Semelhança de alvos rejeitados com outros desagradáveis	0
Critério Primeiro/Último	0
Aleatório	43.9
Semelhança dos alvos escolhidos com a experimentadora	1.5

motivos idiossincráticos e não na pertença grupal das participantes (cf. por ex., Hogg, 1993).

Efectuámos ainda duas regressões logísticas separadas de Identificação com o Endogrupo e de Vontade de Mudar de Curso sobre Equipa, nas condições Experimentadora do Endogrupo e Experimentadora do Exogrupo, respectivamente. Verificamos que a Identificação com o Endogrupo apenas prediz a escolha na condição Experimentadora do Exogrupo. Concretamente, quando a experimentadora pertence ao exogrupo, o aumento de um ponto na identificação dos participantes aumenta quase para o dobro (198%), a probabilidade de ser escolhida a equipa diferente da experimentadora, $\beta=1.09$, $p=.03$ (restantes β s < 1). Este resultado vem reforçar o resultado anterior, apoiando apenas a ideia de que a discriminação do exogrupo é mediada pela identificação ao endogrupo. De facto, esta hipótese, já por diversas vezes debatida, não encontrou consenso na Psicologia Social (cf. Brewer & Miller, 1996). Por outro lado, a nossa hipótese de que a identi-

ficação endogrupal mediaria a preferência pela equipa semelhante à entrevistadora endogrupal foi infirmada. Também aqui podemos supor que o estabelecimento de um contexto intra-grupo nessa condição pode ter obviado à manifestação do processo previsto.

Percepção dos motivos das escolhas. O Quadro 3 mostra as percentagens dos motivos apontados pelos participantes para as suas escolhas. Como se pode verificar, a simpatia dos alvos e a escolha aleatória foram os motivos assinalados com maior frequência. A simpatia da equipa escolhida não era uma propriedade factual das equipas A ou B porque esta apreciação se encontra similarmente distribuída pelas duas equipas, Log linear $\chi^2=6.02$, $gl=3$, ns . Provavelmente, este motivo foi dos mais assinalados porque, sentindo-se compelidas a dar uma explicação para as suas escolhas e não dispondo de qualquer base consciente para tal, as participantes assinalaram a que mais se coaduna com a culturalmente adequada, atribuindo a razão da sua escolha a

uma propriedade intrínseca dos alvos. Muitas participantes indicaram também ter feito uma escolha aleatória, o que sugere que foram incapazes de encontrar qualquer razão plausível para a sua escolha.

Mais importante para as nossas hipóteses, o motivo crítico está entre os menos assinalados. Apenas 1.5 % das participantes indicaram que o motivo da sua escolha fora a semelhança ou a diferença entre a experimentadora e a equipa. Note-se que esta percentagem é semelhante às reportadas pela investigação na área (cf. Bargh, 1994; Bargh & Pietromonaco, 1982; Devine, 1989; Perdue et al., 1990; Dovidio et al., 1997). Além disso, a única participante que declarou ter sido influenciada pela semelhança facial entre a equipa e a experimentadora também assinalou ter sido influenciada pela simpatia da equipa indicando incerteza relativamente ao factor crítico. O importante para o nosso estudo é que os resultados sugerem que as participantes não estavam cientes da influência da semelhança entre a experimentadora e uma das equipas na sua escolha.

4. CONCLUSÕES

Os resultados apoiam parcialmente as nossas predições. As participantes previamente expostas à experimentadora exogrupal preferiram mais a equipa fisicamente diferente dela, do que as participantes previamente expostas à experimentadora endogrupal. Este resultado é independente do curso das participantes e da experimentadora que as acolheu. De modo consistente com os resultados da pesquisa na área do racismo implícito, os nossos resultados indicam que uma breve exposição a um membro do exogrupo é suficiente para produzir sentimentos negativos associados à sua expressão facial e afectar escolhas subsequentes. Aparentemente, os sentimentos os sentimentos negativos associados ao exogrupo são aparentemente transferidos aos indivíduos com uma expressão facial semelhante e contribuem para estabelecer um critério de preferência.

Embora se tenham confrontado com a hipótese explícita de poderem ter sido influenciados pela semelhança (ou diferença) entre a experimentadora e os alvos praticamente todas as

participantes rejeitaram esse motivo como interviniente na sua escolha. Na ausência de critérios explícitos para explicar a sua conduta, as participantes fixaram-se em explicações-padrão baseadas em características dos alvos ou confessaram mesmo desconhecer as razões da escolha (cf. Nisbett & Wilson, 1977).

De acordo com resultados de pesquisa anterior, verificamos que a atitude positiva e negativa relativamente ao endogrupo e ao exogrupo, respectivamente, tem repercussões ainda que fora da consciência individual, o que tornará o receio, o desprezo, ou os sentimentos negativos relativamente ao exogrupo e aos seus membros tanto mais difíceis de controlar (Leyens et al., 2000; Otten & Wentura, 1999).

Algumas modificações no plano do estudo poderiam torná-lo mais concludente: por exemplo, a inclusão de uma condição controlo poderia esclarecer se os resultados obtidos na condição primo endogrupal não reflectem de facto a resistência a uma tendência comum, fornecendo assim uma leitura diversa dos presentes resultados. Por outro lado, a possibilidade, já referida, do estabelecimento de um contexto intra-grupal na condição endogrupal beneficiaria de um procedimento em que a saliência categorial nessa condição fosse equivalente à da condição exogrupal.

REFERÊNCIAS

- Bargh, J. A. (1994). The four horseman of automaticity: Awareness, intention, efficiency, and control in social cognition. In R. S. Wyer Jr., & T. K. Srull (Eds.), *Handbook of social cognition*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum.
- Bargh, J. A., & Pietromonaco, P. (1982). Automatic information processing and social perception: The influence of trait information presented outside of conscious awareness on impression formation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 43, 437-449.
- Brewer, M. B., & Miller, N. (1996). *Intergroup relations*. Pacific Grove: Brooks/Cole.
- Campbell, D. T. (1967). Stereotypes and the perception of out-group differences. *American Psychologist*, 22, 812-829.
- Devine, P. G. (1989). Stereotypes and prejudice: Their automatic and controlled components. *Journal of Personality and Social Psychology*, 56, 1-18.

- Dovidio, J., Kawakami, K., Johnson, C., Johnson, B., & Howard, A. (1997). On the nature of prejudice: Automatic and controlled processes. *Journal of Experimental Social Psychology*, 33, 510-540.
- Dutton, D. G., & Lake, R. A. (1973). Threat of own prejudice and reverse discrimination in interracial situations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 28, 94-100.
- Fiske, S. T., & Neuberg, S. L. (1990). A continuum of impression formation, from category-based to individuating processes: Influences of information and motivation on attention and interpretation. *Advances in Experimental Social Psychology*, 23, 1-71.
- Greenwald, A. G., & Banaji, M. R. (1995). Implicit social cognition: Attitudes, self-esteem, and stereotypes. *Psychological Review*, 102, 4-27.
- Hill, T., Lewicki, P., Czyzewska, M., & Boss, A. (1989). Self-perpetuating development of encoding biases in person perception. *Journal of Personality and Social Psychology*, 57, 373-387.
- Hogg, M. A. (1993). Group cohesiveness: A critical review and some new directions. *European Review of Social Psychology*, 4, 85-111.
- Hogg, M. A., & Turner, J. C. (1985). When liking begets solidarity: An experiment on the role of interpersonal attraction in psychological group formation. *British Journal of Social Psychology*, 24, 267-281.
- Lewicki, P. (1985). Nonconscious biasing effects of single instances on subsequent judgments. *Journal of Personality and Social Psychology*, 48, 563-574.
- Leyens, J.-P., Paladino, P.-M., Rodriguez-Torres, R., Vaes, J., Demoulin, S., Rodriguez-Perez, A., & Gaunt, R. (2000). The emotional side of prejudice: The attribution of secondary emotions to in-groups and out-groups. *Personality and Social Psychology Review*, 4, 186-197.
- Nisbett, R. E., & Wilson, T. D. (1977). Telling more than we can know: Verbal reports on mental processes. *Psychological Review*, 84, 231-259.
- Otten, S., & Wentura, D. (1999). About the impact of automaticity in the minimal group paradigm: Evidence from the affective priming tasks. *European Journal of Social Psychology*, 29, 1049-1074.
- Perdue, C. W., Dovidio, J. F., Gurtman, M. B., & Tyler, R. B. (1990). Us and them: Social categorization and the process of intergroup bias. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 59, 475-486.
- Tajfel, H. (1978). *Differentiation between social groups: Studies in the social psychology of intergroup relations*. London. Academic Press.

RESUMO

Utilizando uma metodologia não-obstrusiva, testamos a hipótese de que a associação entre estímulos visuais não salientes e a pertença grupal dos indivíduos pode interferir na escolha de uma equipa de trabalho sem que estes se apercebam dessa influência. As participantes (66 estudantes dos cursos de Psicologia e de Serviço Social) foram acolhidas por uma Psicóloga vs. Trabalhadora Social após o que deveriam escolher entre duas equipas, fisicamente semelhante vs. diferente da pessoa que as recebeu, para a continuação do mesmo estudo. Os resultados mostraram que as participantes que foram acolhidas pelo membro do exogrupo escolheram mais a equipa diferente do que as participantes acolhidas pelo membro do endogrupo sendo este efeito mediado pela identificação ao endogrupo. Os resultados são discutidos à luz de investigação anterior utilizando medidas implícitas de discriminação social.

Palavras-chave: Métodos não-obstrusivos, discriminação social, identificação social.

ABSTRACT

Using a non-obstrusive measure, we tested the hypothesis that the association between non-salient visual stimuli and group membership can affect the choice of a working team beyond participants' awareness of that influence. Participants (66 Psychology and Social Service students) were received by a Psychologist vs. Social Worker. They then had to choose between two teams, physically similar to vs. different from the person who had just received them, to work with in the second phase. Results show that most participants who had been received by an out-group member chose the different team more than did participants who had been received by an in-group member. This effect was mediated by in-group identification. Results are discussed based on previous research using implicit measures of social discrimination.

Key words: Non-obstrusive methods, social discrimination, social identification.